

Jornalismo investigativo em tempos de infodemia: impactos iniciais das novas rotinas produtivas nos prêmios de Jornalismo – Edição 2020

Investigative journalism in infodemia times: Initial impacts of new production routines in journalism awards - 2020 edition

Soraya Venegas Ferreira ¹

Resumo: Jornalistas buscam agir de acordo com parâmetros oferecidos pelo campo profissional, a partir de um *ethos* coletivamente construído e em constante transformação. Os estudos sobre as premiações oferecem pistas sobre essas transformações que, de certo modo, foram aceleradas pelo contexto pandêmico, durante o qual os jornalistas tiveram que alterar suas rotinas de produção noticiosa. O Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, dentre outros certames, costuma destacar reportagens aprofundadas oriundas de investigações jornalísticas e, na edição de 2020 não foi diferente. Esse estudo exploratório busca identificar, dentre os premiados, se e como práticas investigativas foram impactadas pelo contexto de infodemia e pelas limitações de acesso impostas pela emergência sanitária.

Palavras-Chave: Jornalismo Investigativo. Rotinas Produtivas. Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos. Pandemia de Covid-19.

Abstract: Journalists seek to act according to parameters offered by the professional field, based on a collectively constructed and constantly changing *ethos*. Studies on awards offer clues about these transformations that, in a certain way, were accelerated by the pandemic context, during which journalists had to change their news production routines. The Vladimir Herzog Journalist Award for Amnesty and Human Rights, among other contests, usually highlights in-depth reports from journalistic investigations, and the 2020 edition was no different. This exploratory study seeks to identify, among those awarded, if and how investigative practices were impacted by the context of infodemic and by the limitations of access imposed by the health emergency.

Keywords: Investigative Journalism. Productive Routines. Vladimir Herzog Journalist Award for Amnesty and Human Rights. Covid-19 pandemic.

.....

¹ Jornalista, mestre e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Professora titular, pesquisadora vinculada ao Programa Pesquisa Produtividade e Coordenadora do Curso de Jornalismo da Universidade Estácio de Sá no campus Niterói. Avaliadora de cursos do MEC-INEP. Multiplicadora do Programa EducaMídia. E-mail: sosovenegas@yahoo.com.br.

1 Jornalismo em um tempo suspenso – um estudo exploratório

Em 26 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde confirmou o primeiro caso de contaminação pelo novo coronavírus no Brasil. A primeira morte por Covid-19 ocorreu no mês seguinte e, quando esse artigo está sendo escrito, em agosto de 2021, o país está perto das 600 mil mortes em decorrência da doença ou de suas complicações. Durante os mais de 500 dias de pandemia, em que muitos se sentem em um tempo suspenso, num eterno “Dia da Marmota”², cada governo estadual/municipal foi, em ritmo próprio, impondo e relaxando medidas restritivas à circulação. Vários estabelecimentos interromperam as atividades em março de 2020, muitos trabalhadores migraram, às pressas e sem recursos ou treinamento, para o *home office*. Permaneceram atuando no espaço público os serviços considerados essenciais, e cujas características exigiam o contato presencial, entre eles, algumas funções do Jornalismo.

Para se manter em atividade, os profissionais foram obrigados a alterar suas rotinas produtivas. Os integrantes dos chamados grupos de risco, tiveram suas funções adaptadas integralmente para o modelo remoto, enquanto outros passaram a atuar presencialmente por escala. Parte das empresas optou por interromper contratos de trabalho ou reduzir os salários de funcionários, mesmo os que tiveram seus lares transformados em sucursais da redação ou em estúdios televisivos. As restrições de mobilidade e os riscos de contaminação impuseram a diminuição das apurações presenciais, certas vezes centrais para jornalismo investigativo.

Outras estratégias de obtenção de informações e novas estéticas tiveram que ser implementadas, especialmente nos meios em que a imagem é fator preponderante. Entre elas, destaca-se o uso de máscaras por parte dos entrevistados e repórteres (mesmo os televisivos), uso de dois microfones (uma para o repórter e outro para a fonte), distanciamento entre os apresentadores no estúdio, entrevistas feitas remotamente mediadas por dispositivos como *smartphones*, *tablets* ou *notebooks*; imagens fixas ou em movimento feitas por drones, fotografias por videochamada, entre outros recursos para garantir a segurança sanitária de repórteres e fontes.

² Em referência ao filme *O Feitiço do Tempo*, de 1993, no qual um repórter de televisão (Bill Murray), da editoria de meteorologia, vai a uma pequena cidade para cobertura do "Dia da marmota", onde fica “preso no tempo”, condenado a vivenciar sempre os eventos daquele dia.

Por ser fenômeno recente, as estratégias de apuração e estéticas impostas pela pandemia ainda não foram integralmente estudadas, embora já seja possível identificar pesquisas que buscam mapear as mudanças. Esse artigo se soma à temática, ainda de modo exploratório, e objetiva perceber os impactos da pandemia nas rotinas produtivas e nos projetos de investigação jornalística e, para tal, coteja pesquisas sobre o tema com a produção noticiosa que, mediante o reconhecimento em premiações, tende a se tornar paradigmática em seu momento histórico.

As pesquisas sobre os impactos da pandemia no ambiente de trabalho dos comunicadores mapeiam as mudanças nas rotinas dos *freelancers*, dos empregados em empresas de mídia, dos profissionais atuantes em novos arranjos de trabalho jornalístico (FÍGARO et al, 2020) e dos ligados ao jornalismo independente (PATRÍCIO, 2020). Seus resultados, mesmo que provisórios, mostram não apenas as pressões sofridas pela categoria, como a emergência de arranjos que viabilizam e qualificam o jornalismo fora das mídias hegemônicas, como pode ser visto na premiação aqui estudada. Identifica-se ainda a emergência de sistemáticas de apuração, seleção e veiculação de informações que dispensam o contato presencial. Algumas tendências de investigação, como manejo de grandes bases de dados e uso da Lei de Acesso à Informação (LAI) para obtê-las também se consolidaram no cenário pandêmico. Essas serão postas em relação com o material jornalístico efetivamente produzido, veiculado e, sobretudo, premiado.

Como já visto em trabalhos anteriores, com base na mobilização de profissionais, máquinas, normas deontológicas, condutas éticas e rotinas de produção, os jornalistas empenham-se em executar suas atividades baseadas em parâmetros que o próprio campo oferece a partir de um *ethos* coletivamente construído e que se concretizam no *habitus* da identidade profissional, que se mostra em constante transformação. Essa é uma prática capaz de gerar competição que, em alguns casos, visa à conquista de prêmios. Para aqueles que resolvem competir nacional ou internacionalmente, está explícita a exigência da adequação do seu trabalho às normas da premiação cobiçada que, por hipótese, uma vez conquistada, torna tal prática exemplo da boa conduta jornalística, quase como uma fórmula para se chegar em primeiro lugar.

Sabe-se que há uma grande quantidade de prêmios de jornalismo, o que torna seu mapeamento bastante complexo. A maioria tem periodicidade irregular. Há os que não passam de poucas edições, enquanto outros conseguem longevidade e relevância que motivam grande disputa,

como é o caso do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos que, em 2020, chegou a sua 42ª edição. Composto por seis categorias (arte, fotografia, produção jornalística em texto, em áudio, em vídeo e em multimídia), a edição contemplou, no ano passado, 13 produtos jornalísticos entre vencedores, menções honrosas e prêmio destaque. Dentre eles, seis foram realizados no período trans-pandemia e cinco a tiveram como tema.

A quantidade de prêmios existentes no país, contudo, não é acompanhada pelo interesse acadêmico sobre o tema. Conforme levantamento realizado por Robson Dias (2008) em acervos virtuais e físicos de 18 centros de pesquisa brasileiros, não há ocorrência significativa de publicações científicas sobre o assunto. Um levantamento livre em sites de busca da internet reforçou essa percepção, pois ainda hoje há poucas ocorrências. Mas, pode-se afirmar que, a cada premiação criada, novas diretrizes implícitas para a prática jornalística são definidas e apontam para identidades profissionais relacionadas ao seu tempo histórico.

Esse estudo, de caráter exploratório, busca identificar entre os trabalhos premiados na Edição 2020 do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos os procedimentos ligados ao jornalismo investigativo demonstrado nas matérias pré-pandemia e como eles foram impactados nos primeiros meses em que o confinamento foi a prática mais indicada. Sabe-se que, para comprovação das impressões aqui listadas, será necessário prosseguir na pesquisa e acompanhar os resultados da 43ª edição do prêmio, que contemplará as matérias publicadas entre 1º de agosto de 2020 e 30 de junho de 2021, período integralmente marcado pela pandemia de Covid-19.

Mesmo que ainda exploratório, o estudo se justifica também pela relevância de se pesquisar o jornalismo de excelência em um cenário de desinformação crescente. Ainda em 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou que, para além da pandemia global de Covid-19, estávamos vivendo uma “infodemia” sobre a doença, “caracterizada por uma quantidade e variedade excessiva de informações de diferente qualidade e credibilidade (algumas falsas, outras imprecisas, outras baseadas em evidências)” (KALIL e SANTINI, 2020, s/p). Nesse cenário, o jornalismo passou a ser mais valorizado como fonte confiável de informações, em um mundo marcado pelo excesso de narrativas, de disputas discursivas e pelo que erroneamente se popularizou chamar de *fake news*.

2 No contexto da infodemia – Mais uma vez de “roupa nova”?

Faccin e Ferreira (2013), ao analisar os resultados de premiações, tendo como *corpus* os prêmios Esso de Jornalismo e Imprensa Embratel, questionavam se eles indicavam a emergência de um jornalismo “de roupa nova”, movido pelas relativamente recentes rotinas de produção noticiosa impostas pelas dinâmicas dos ambientes digitais. Contudo, os autores concluíram que:

Ao observar os textos que apresentam os vencedores no site oficial da premiação, nota-se que, discursivamente, há exortação ao trabalho de reportagem investigativa além da necessidade de documentar a apuração, ressaltando a função social da mídia enquanto fiscalizadora do poder público, bem como de porta-voz de denúncias sobre condições sociais que demandam mudanças. Isso pode ser percebido pelo uso de verbos como “revelar”, “investigar”, “mostrar”, “trazer à tona”, “registrar”, “constatar” entre outros do mesmo campo semântico. Desse modo, cabe o questionamento se a cada edição, cada nova categoria, cada tema premiado no concurso seria apenas uma “nova roupagem” para um “velho paradigma”. Parece-nos que é justamente esse “velho paradigma” que define o *ethos* e o *habitus* profissionais, o que nos reconcilia com o arcabouço teórico apresentado e, ao mesmo tempo, justifica a metáfora da “roupa nova” do jornalismo. (FACCIN e FERREIRA, 2013, p.187)

Há tempos, os meios de comunicação tentam captar leitores em um mundo saturado por informação. A concorrência cresce com a participação cada vez mais ativa dos usuários em plataformas, formatos e narrativas digitais e a propagação de boatos e informações falsas não chega a ser novidade. Mesmo no contexto pré-pandêmico, segundo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), em pesquisa divulgada na *Revista Science*, em 2018, as informações falsas se espalhavam 70% mais rápido que as verdadeiras e, conseqüentemente, obtinham maior alcance. O *corpus* da pesquisa era composto por mais de 126 mil postagens disseminadas por cerca 3 milhões de pessoas no Twitter entre 2006 e 2017, verificadas por seis agências independentes de checagem. De acordo com o estudo, cada postagem verdadeira atingia cerca de mil pessoas, enquanto as falsas mais populares chegavam a 100 mil.

Segundo a jornalista Claire Wardle, do First Draft, mesmo antes da Covid-19, já estávamos em uma era de “transtorno da informação”. Para ela, a ideia de que só haveria positividade no amplo acesso à informação característico da sociedade hiperconectada foi substituída pelo reconhecimento de que o nosso ecossistema informacional está perigosamente poluído. Ela

destaca entre os agentes de desinformação sites impostores, contas falsas, fazendas de cliques, além de comunidades de conspiração no 4chan e no Reddit, ressaltando a inadequação do termo genérico *fake news* (notícia falsa), pois às vezes o conteúdo é verdadeiro, mas intencionalmente apresentado fora de contexto, visto que falsidades baseadas em um núcleo de verdade são mais credíveis e, conseqüentemente, mais compartilhadas. Ela adiciona que “a maior parte disso não pode ser descrita como “notícia”. São rumores à moda antiga, memes, vídeos manipulados, “anúncios micro-localizados” hipersegmentados e fotos antigas compartilhadas novamente como se fossem novas” (WARDLE, 2020, p. 8).

Uma pesquisa feita com 92 mil entrevistados em 46 países pelo Reuters Institute em parceria com a Universidade de Oxford, divulgada em 2021.1, mostrou crescimento de 2% entre os que se diziam preocupados com a desinformação. Em média, 58% dos respondentes explicitaram a preocupação. O relatório estratifica os dados brasileiros, onde a mesma inquietação é a mais significativa de toda a amostra, com 82% dos respondentes se dizendo preocupados. O uso de mídias sociais para notícias, no total da amostra, é especialmente notável entre os mais jovens e com níveis de escolaridade mais baixos.

Com relação à confiabilidade, o relatório aponta que 34% dos brasileiros confiam nas redes sociais digitais para obtenção de informação noticiosa. Como dado esperançoso, a pesquisa aponta que a confiança nas notícias cresceu em média 6%, o que fortalece o jornalismo profissional, em geral, e as investigações jornalísticas, em específico, pois muitas vezes trazem informações mais aprofundadas e exclusivas sobre assuntos que fontes oficiais, autoridades e instituições não tem interesse que sejam divulgados e cabe aos jornalistas fazê-lo.

Em 2021, nos países pesquisados, em média, 44% dos respondentes confiam na maioria das notícias na maior parte do tempo, enquanto 54% acreditam ter visto alguma desinformação sobre a pandemia em um dos canais, não obrigatoriamente jornalísticos, pelos quais recebe informações. A desinformação sobre a pandemia tem o Brasil como destaque e, em termos da amostra mais geral, é seguida pelas áreas de política, celebridades e mudanças climáticas, como mostrado na FIG 1.

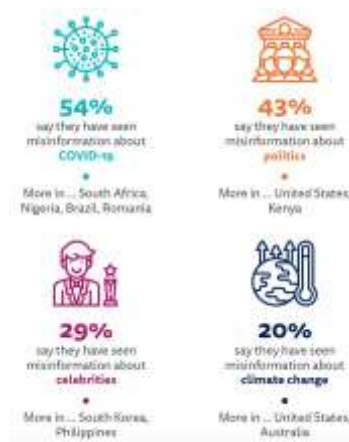


FIGURA 1 – Questão: FAKE_NEWS_2021a. Você viu informações falsas ou enganosas sobre algum dos tópicos a seguir, na última semana? Base: amostra total em todos os mercados: 92.372.
FONTE: Relatório de notícias digitais 2021

Os pesquisadores já vinham alertando para a premência de se combater a desinformação, principalmente nas redes sociais e em aplicativos de mensagens. Com a imposição do isolamento social, o fenômeno se potencializou a ponto de a Associação Brasileira de Letras, com base em documentos da ONU, nos apresentar o termo Desinfodemia:

Notícias falsas sobre coronavírus colocam vidas em risco, diz Unesco. Informações falsas e não confiáveis estão se espalhando por todo o mundo a tal ponto que agora alguns comentaristas estão se referindo à nova avalanche de informações errôneas que acompanhou a pandemia de Covid-19 como uma ‘desinfodemia’. (nacoesunidas.org, 14/4/2020 apud BECHARA, 2020)

Nesse cenário de desordem informacional, notou-se o aumento do interesse pelo jornalismo de qualidade. Uma pesquisa conduzida pela Provokers, encomendada pela Luminare, organização filantrópica global e divulgada em matéria no *Meio e Mensagem*, em setembro de 2020, apontava que 65% dos leitores de veículos digitais no Brasil aumentaram o consumo de notícias. A amostra era de 8.570 pessoas de 18 a 65 anos em quatro países: Argentina, Brasil, Colômbia e México. Os dados apontaram que os brasileiros estão, inclusive, dispostos a pagar por conteúdo jornalístico, 26% aceitam fazer doações a veículos digitais e 16% já pagam por pelo menos uma assinatura de notícias ou serviço. Esse dado reforça a viabilidade de iniciativas não hegemônicas, desde que tragam informação aprofundada. Entre as razões apontadas para o consumo pago de jornalismo, estão a sua capacidade de fornecer conteúdo de alta qualidade (34%), seguido pela credibilidade do veículo como fonte de informações sérias e confiáveis (31%). Rafael Georges, representante da Luminare no Brasil, explica na matéria que:

A pandemia evidenciou ainda mais a importância do bom jornalismo como fonte de informação. De maneira mais ampla, trabalhamos com a hipótese de que o valor dado a uma imprensa livre e à informação de qualidade tende a aumentar em tempos de pandemia, de aumento de ataques de autoridades a jornalistas, e num contexto de ampla circulação de desinformação e *fake news*. O resultado disso é uma maior disposição em pagar por notícia.³

Essa procura pelo jornalismo de qualidade aponta para o estudo das matérias premiadas em certames paradigmáticos do campo como é o Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, na medida em que esses trabalhos indicam matrizes de referência para o bom jornalismo e ainda apontam para as características de suas rotinas de produção. Parte das transformações nas rotinas produtivas do Jornalismo já estavam anunciadas, outras nem tanto.

Para Figaro et al.(2020), para além das pressões impostas pelo cenário pandêmico, o setor da comunicação já vinha em crise, gerada em parte pela revolução tecnológica e social imposta pelos ambientes digitais. A autora mostra um mundo do trabalho dos comunicadores marcado por “demissões, contratos precários, rebaixamento salarial, densificação do trabalho, todo tipo de estresse, além do quadro de incertezas sobre o futuro” (2020, p.10). Em contrapartida, ela ressalta nesse momento de crise pandêmica, a informação tornou-se ainda “mais essencial à vida e ao bem-estar das pessoas” (2020, p.10)

Em continuidade às percepções de 2020, o Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho – CPCT – USP, liderado por Fígaro, publicou o relatório com os resultados da pesquisa “Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19?”, implementada em abril de 2021 e com 994 respondentes validados, a maior parte graduada em Jornalismo (528) ou Comunicação Social (335), sendo que 608 afirmam ter pós-graduação. Eles representam profissionais de todos os Estados brasileiros e do Distrito Federal, além de dois comunicadores no exterior. Em sua maioria são mulheres, com até 35 anos. Dentre o universo total de respondentes, 526 são graduados em Jornalismo. Destes, 478 responderam às questões sobre cargo e função e descreveram suas atividades de trabalho. Apenas 116 estavam em veículos de grande mídia.

³ Consumo de notícias digitais no Brasil aumenta na pandemia - Estudo encomendado pela Luminate ainda revela que 16% dos brasileiros pagam por pelo menos uma assinatura de notícias digitais ou serviço, disponível em [Consumo de notícias digitais no Brasil aumenta na pandemia – Meio & Mensagem \(meioemensagem.com.br\)](https://meioemensagem.com.br), acessado em 09 de agosto de 2021

Dos formados em jornalismo que atuam na grande mídia, a função de repórter e a de editor foram as mais citadas. As atividades desenvolvidas em torno da pauta ainda versam sobre funções e tarefas tradicionalmente realizadas pelos profissionais de jornalismo, como apuração, curadoria de conteúdo, produção, reportagem. Alguns profissionais fazem este tipo de serviço e ainda se envolvem em novas atividades no campo do jornalismo, a exemplo da gestão das redes sociais (controle do WhatsApp da redação) ou a alimentação das redes sociais como local da circulação da produção. (...) observa-se a realização de mais de uma atividade sob a rubrica de uma única função ou cargo. Esse fenômeno indica o acúmulo de funções e tarefas, uma realidade no mundo do trabalho do jornalismo, assim como o exercício da multimídia, identificado pela produção de notícias ou de conteúdo noticioso para mais de uma mídia (rádio, TV, internet, impresso, redes sociais e site), confirmando assim a polivalência midiática, tida hoje como uma competência mandatória para o trabalho em jornalismo (FIGARO et al, 2021, p.54)

Essa constatação dificulta a realização de matérias investigativas que se caracterizam por uma apuração mais demorada, aprofundada e, geralmente feita em equipe. Cleofe Sequeira defende que o jornalismo investigativo que se diferenciaria do não adjetivado pelo processo de trabalho dos profissionais que utilizariam metodologias e técnicas não ortodoxas para obtenção e checagem das informações, sem, contudo, substituir as instituições oficiais cuja obrigação seria investigar os crimes que são muitas vezes denunciados nas reportagens investigativas. Para Mark Lee Hunter e Nils Hanson, que participaram da elaboração do *Manual de Jornalismo Investigativo* da Unesco, o “jornalismo investigativo não é apenas o bom e velho jornalismo bem realizado” (HUNTER, 2009, p. 8). Nele, o jornalista pode desafiar ou negar explicitamente a versão oficial com base em fontes independentes, visto que as informações oficiais costumam ser ocultadas, pois sua revelação comprometeria os interesses de autoridades ou instituições.

Outro fato destacado é que, nas investigações, o jornalista dispõe de mais informações do que qualquer uma de suas fontes, que usualmente não podem ser identificadas, em nome de sua segurança. Os autores ressaltam que, sem o engajamento pessoal do jornalista, a história nunca será completada e as informações só podem ser publicadas quando sua coerência e completude estejam garantidas, o que pode ser constatado em várias das matérias premiadas no Vladimir Herzog – Edição 2020.

Erros no processo de investigação expõem o repórter e veículo que publicar a matéria a sanções formais e informais, e pode destruir a credibilidade de ambos. Sequeira, em 2005, já apontava três grandes linhas de entaves para elaboração de reportagens investigativas: o sistema de

trabalho nas redações, o tamanho do texto exigido e a edição. Em 2020/21 poderíamos acrescentar a o cenário de desordem informacional e a imposição do isolamento social em função da pandemia. Quanto ao primeiro fator, nota-se que o ritmo das rotinas produtivas há muito se pauta pela velocidade das novas tecnologias, o que dificulta a apuração aprofundada e a busca por fontes e documentos capazes de efetivamente sustentar a reportagem, o que só se agravou no último ano e meio.

Quanto ao texto, na mídia hegemônica, mantém-se a tendência de que sejam curtos e blocados em tamanhos pré-estabelecidos, o que dificulta a reportagem investigativa, que deve fugir da padronização e demanda espaço, o que gera a publicação de séries de reportagens, o que é notável entre os premiados. Quanto à edição, a autora lamenta o privilégio da imagem em relação ao texto, sendo a primeira pouco indicada para tratar da complexidade dos temas e utilizada normalmente para trazer leveza ao projeto gráfico. Essa foi uma das áreas mais impactadas pela emergência sanitária. Para produzir imagens fotográficas e videográficas do contexto pandêmico, os profissionais, por considerarem sua profissão essencial, enfrentavam altos níveis de risco em centros de saúde, hospitais, transportes públicos, etc.

Esse foi um dos pontos destacados na pesquisa do CPCT- USP. Dentre os respondentes, alguns justificavam a continuidade do trabalho jornalístico por este ser essencial para a saúde pública, para transmissão de informação, para a democracia, para a sobrevivência própria e da empresa e para o combate a desinformação como mostra a tabela a seguir (FIG.2)

Tabela 26: Essencial no combate à desinformação

330	Com certeza! Já estamos há algum tempo neste embate, mas sobretudo desde 2018, de narrativas e contra narrativas. Mentiras e desinformações são propagadas com uma velocidade violenta e só o jornalismo sério - que muitas vezes se espõe pra trazer informação - pode tentar rebater.
183	Informar com qualidade é essencial em tempos de tantas fake news.
222	Sim. Foi é fundamental levar informação para a população, principalmente no contexto atual. É necessário levar luz e desmentir fake news. Informação correta salva vidas. Desinformação mata.
322	Sim. Estamos tentando levar informação a um país mergulhado no caos das fake news e desinformação.
348	No contexto da pandemia, com uma infodemia em curso, acho mais do que essencial poder informar a população, não apenas sobre a crise sanitária, mas também sobre outros temas do cotidiano e da vida política e econômica do país.
832	Sem ele não existia VERDADE.
914	Porque somos os responsáveis por manter toda a sociedade informada, principalmente neste momento em que as Fake News se tornaram mais comuns e constantes. A pandemia mostra como é importante a disseminação de informação com credibilidade e já provou o quão caro é o preço das fake news.
986	Levar informação verdadeira à população, neste momento de grandes indefinições por conta não só da pandemia, mas também das disseminações de fakes news, é essencial para conscientização da sociedade.

FONTE: Pesquisa CPCT, 2021, Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19? O número corresponde ao texto integrais das respostas para a questão trabalho essencial.

Dentre a totalidade de respondentes 68% afirmaram trabalhar em *home-office*, e como pequena parte é formada por jornalista de grande mídia, o WhatsApp, seguido de longe pelo e-mail foram as ferramentas mais lembradas no dia a dia pandêmico. A palavra pauta teve algum destaque nas respostas, mas não há relevância para apuração, fontes, redação ou outros termos ligados especificamente as rotinas de produção noticiosa. Com jornadas de trabalho estendidas e dificultadas pela inconveniente falta de separação entre labor e vida privada, a maioria dos respondentes adoeceu nesse período, cerca de 20% devido a Covid-19. Num cenário em que boa parte declara sofrer distúrbios do sono, irritação, medo, insegurança e depressão, a conquista de um prêmio, que reconheça todo o esforço, tende a ser ainda mais especial.

3 Prêmio, para que te quero? – O reconhecimento da excelência profissional

Faccin e Ferreira em seu estudo sobre premiações apontavam que “a atividade jornalística é depositária de um conjunto de técnicas, práticas e normas que orientam a competência do profissional de informar a sociedade sobre assuntos de relevância pública, por meio de um relato baseado em fatos e com o maior senso de objetividade possível” (FACCIN e FERREIRA, 2013, p. 173). Vários exemplos de tentativas de garantia de coesão da atividade foram citados, entre eles os manuais de redação, os Projetos Pedagógicos do Curso (PPC) de Jornalismo e as premiações destinadas aos profissionais.

Do ponto de vista simbólico, o prêmio é melhor reconhecimento que um jornalista pode receber dos seus pares, pois seu trabalho pode passar a funcionar como matriz de referência, geradora e/ou reforçadora de práticas que poderão ser gradativamente incorporadas ao *habitus* (no sentido empregado por Pierre Bourdieu) e funcionar como paradigmas da comunidade interpretativa do jornalismo (TRAQUINA, 2008).

Há premiações que não têm proposta de continuidade, enquanto outras que alcançam legitimidade no campo, como é o caso do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, que alcança a sua 43 edição em 2021, e tem entre os organizadores instituições de referência para os direitos humanos e para o jornalismo, entre elas a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Associação

Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e no campo acadêmico a Sociedade Brasileira dos Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e a Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).

Para dimensionar a importância das premiações é preciso retomar a noção de campo social de Bourdieu para entender como os profissionais são inseridos na comunidade interpretativa jornalística e, paulatinamente, incorporam o seu *habitus*, cujas “[...] posições dos agentes se encontram a priori fixadas” (BOURDIEU, 1990, p. 156). Ele identifica um campo social como um “espaço onde se travam relações objetivas”, em que agentes (que são os sujeitos investidos de um *habitus*), lutam para determinar quem tem legitimidade para falar e o que é legítimo ser falado. O campo jornalístico seria, assim, uma situação institucionalizada, na qual os seus agentes (jornalistas, distribuidores, anunciantes, acionistas) desenvolvem atividades regidas por regras e convenções válidas, tornando-se rotinas do trabalho diário. Com a pandemia, essas rotinas foram impactadas. Esses abalos, aparentemente, reforçaram os valores do campo.

As premiações são disputadas pois, conforme hipótese de Faccin e Ferreira, fariam parte do “capital simbólico”, que, no entendimento de Bourdieu, inclui os méritos acumulados, prestígio e reconhecimento associado à pessoa ou posição. Um dos desdobramentos desse capital simbólico é a credibilidade, do certame, da matéria, do veículo e do jornalista premiados. Deve-se levar em conta a importância distintiva que cada tipo de prêmio possui intrinsecamente em comparação a outros.

Muitos certames criam diferentes categorias para dar conta da diversidade de formas narrativas que a prática jornalística assume. Elas refletem uma dada visão do campo e da competência profissional. Em premiações que acolhem matérias sem tema específico, é comum encontrar categorias relativas à editoria, como esportes, cultura, informação científica, ambiental, econômica, etc. Já as premiações de caráter específico, como é o caso do Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, a tendência é que a categorização se dê pelas práticas jornalísticas que remontam os meios de difusão das produções (rádio, televisão, mídia impressa, site, blog) ou pela linguagem em que a informação é “formatada”, como é a opção da 42ª edição do Prêmio Vladimir Herzog, cujas categorias são texto, áudio, vídeo, multimídia, fotografia e arte.

Há certames que, para homenagear um jornalista renomado ou reconhecidamente relevante para o desenvolvimento da profissão trazem seu nome na premiação ou em alguma categoria específica. Esse é o caso do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos (PVH), que foi instituído em 1978, por um conjunto de entidades além da Família Herzog para, conforme informa o site institucional, “celebrar a vida e obra do jornalista Vladimir Herzog, torturado e assassinado pela ditadura civil-militar no dia 25 de outubro de 1975 nas dependências do Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), em São Paulo”⁴

O Instituto Vladimir Herzog, criado em 2009, pela família e amigos do jornalista, ao apresentar a biografia de Vladimir Herzog, destaca seu reconhecimento mundial como símbolo da luta contra a ditadura militar e a favor da democracia. Nascido em 1937, em Osijek (ex-Iugoslávia, atual Croácia), Vlado, como era conhecido pelos colegas, chegou ao Brasil em 1946. Sua família se estabeleceu em São Paulo, onde chegou a ser ator, antes de migrar para o jornalismo, em 1959. Foi repórter de *O Estado de S. Paulo*, onde se dedicou à editoria de cultura. Aventurou-se ainda em algumas produções cinematográficas. Atuou como jornalista na TV Excelsior, Rádio BBC de Londres, revista *Visão*, TV Universitária da UFPE, jornal *Opinião*, além de ter sido professor de jornalismo da FAAP e da ECA-USP.

Quando foi torturado e assassinado, mesmo tendo comparecido espontaneamente a sede DOI-CODI, Vlado era Diretor de Jornalismo da TV Cultura. A época, a versão oficial, jamais aceita pelos que o conheciam, foi que o jornalista havia se suicidado. À missa de sétimo dia compareceram milhares de pessoas e o ato tornou-se um marco da luta pela democracia. Nesse sentido, o Instituto Vladimir Herzog, um dos promotores do prêmio de mesmo nome, ao celebrar “a vida e trajetória do jornalista honra a Democracia, Direitos Humanos e Liberdade de Expressão – os valores que ele tanto defendia. Contar a história de Vlado é também uma forma de lutar, resistir e contribuir para uma sociedade mais justa e democrática”⁵

⁴ Regulamento 43º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, disponível em [Regulamento 43º Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos - Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos \(premiolvladimirherzog.org\)](http://premiolvladimirherzog.org), acessado em 15 de agosto de 2021.

⁵ Instituto Vladimir Herzog, disponível em [Sobre o Instituto - Instituto Vladimir Herzog](http://premiolvladimirherzog.org), acessado em 14 de agosto de 2021

Esses valores norteiam o certame, que ao contrário de outros de âmbito nacional, não oferece categorias regionais. Em uma breve exploração do site da premiação é possível pesquisar os resultados por edição, por categorias ou por temas. Ao escolher a terceira opção, temos como destaque 54 possibilidades, como pode ser visto na FIG. 3. Algumas matérias premiadas aparecem em mais de um tema, especialmente quando esses se mostram com intersecções, como, por exemplo, violência do Estado e violência Policial. Participam do júri, além de jornalistas, professores universitários. O perfil educativo do prêmio se reflete ainda no programa Rodas de Conversa.



FIGURA 3 – Temas em destaque no Prêmio Vladimir Herzog

FONTE: Site do Prêmio Vladimir Herzog - [Home - Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos \(premiovladimirherzog.org\)](https://www.premiovladimirherzog.org/)

Desde a primeira edição em 2012, as Rodas de Conversa do Prêmio Vladimir Herzog visam colocar à disposição dos interessados informações de como foram desenvolvidas algumas das reportagens vencedoras. Em 2020, em função da pandemia, o que era fisicamente uma roda de cadeiras transformou-se num diálogo remoto, mediado entre telas. Os relatos de coordenadores e participantes das últimas edições, conforme o site do prêmio reforçam a hipótese de que as práticas jornalísticas premiadas tendem a se tornar paradigma de excelência.

As Rodas de Conversa têm prestado um serviço importante para os estudantes, para os profissionais e para os próprios veículos de comunicação onde atuam e deixam as marcas de suas produções jornalísticas. Além de fomentar novas pautas e coberturas, a Roda permite a disseminação de boas práticas e métodos para jornalistas e

aprendizes, proporcionando momentos importantes de reflexão para todos que lutam por um jornalismo mais decente e de qualidade.⁶

É da natureza do trabalho jornalístico fazer crer. Os veículos, por exemplo, fazem crer que sabem do mundo e das necessidades do público – que os faz crer, por sua vez, que precisa deles para saber. Já a moeda de troca são as notícias, um bem autenticamente precioso. A concorrência pela prioridade e exclusividade está inscrita na estrutura e nos mecanismos do campo jornalístico. Na perspectiva de Faccin e Ferreira, haveria uma vigilância permanente sobre as atividades dos profissionais e veículos concorrentes, às vezes tirando proveito de seus fracassos, evitando os mesmos erros e pautando assuntos similares, o que pode dificultar o trabalho dos jurados das premiações.

4 Prêmio Vladimir Herzog: onde se entrelaçam jornalismo e direitos humanos

O Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog - Edição 2020 teve seis categorias - arte, fotografia, produção jornalística em texto, em áudio, em vídeo, em multimídia – cada uma com um trabalho premiado (FIG.4) e outro que recebeu menção honrosa (FIG.5). Seis foram claramente realizados no período trans-pandemia, cinco deles trouxeram o vírus como tema e, em *Rolê nas Gerais*, que aborda o racismo, há alternância entre o uso e a ausência de máscaras por parte de jornalista e fontes. A edição conferiu ainda o Prêmio Destaque Vladimir Herzog Continuado - “Charge Continuada #SomosTodosAroeira” a 109 trabalhos de artistas do traço em apoio ao chargista Aroeira, que era alvo de inquérito instaurado a pedido do Ministério da Justiça e Segurança Pública com base na Lei de Segurança Nacional (LSN).

Como pontuado, as categorias que contemplam apenas a imagem – fotografia e arte – não se mostraram frutíferas para a análise das práticas investigativas. Nas demais, elas foram identificadas em algumas reportagens, especialmente no período pré-pandemia. Ressalta-se que, muitas matérias investigativas são veiculadas com fotos. Começando pelos premiados (FIG.4) já é possível destacar a emergência de arranjos jornalísticos não hegemônicos.

⁶ Disponível em [Rodas de Conversa - Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos \(premiolvladimirherzog.org\)](https://rodasdeconversa.org.br/prêmio-jornalístico-vladimir-herzog-de-anistia-e-direitos-humanos/), acessado em 09 de agosto de 2021

CATEGORIA	OBRA	AUTOR	VEÍCULO
Arte	"Infâmogolia"	Luarte	Folha de S. Paulo
Fotografia	"Durante crise da Covid-19, mais de 30% dos óbitos ocorreram em casa em Manaus"	Yon Boucliat	O Globo
Produção Jornalística em Texto	"O FBI e a Lava-Jato (série Vaza Jato)"	Natalia Vianna + Mariana Jatah + Andrew Fishman + Alice Maciel + Rafael Neves + Marina Amarel + Bruno Fonseca + Larissa Fernandes	Agência Pública, em parceria com The Intercept Brasil
Produção Jornalística em Áudio	"As histórias de Mercedes Baptista, Consuelo Rios, Bethânia Gomes e Ingrid Silva"	Tiago Rogem	O Globo
Produção Jornalística em Multimídia	"Ameaças, milícia e morte: a nova cara do Velho Chico"	Daniel Camargo + Marina Della Barba + Ana Magalhães + Fernando Martins + Erick Araújo + Flávio Marinho + Otávio Burin + Rafael Ramos	Rapêrcar Brasil
Produção Jornalística em Vídeo	"Os defensores da floresta"	Alex Graça Ferreira + Marcelo Castellán + Marcos Silva + Cristiane Kist + Dimini Caldeira + Wesley Francisco + Marcus Aurélio Silva	Famíliaco / TV Globo

FIGURA 4 – Tabela de Premiados – Edição 2020

FONTE: premiovladimirherzog.org

A série de reportagens da Agência Pública, que se apresenta como de jornalismo investigativo, por exemplo, mostra a união de veículos – prática que se tornou conhecida quando os veículos de imprensa se uniram num consórcio para divulgar os dados da pandemia. A Pública se uniu ao The Intercept Brasil – site que liderava o esforço colaborativo de mais seis entidades para analisar documentos, bases massivas de dados e outros vazamentos de informações. A última reportagem da série foi publicada em fevereiro de 2020, mas a investigação, por suas características de análise de dados, poderia ter sido feita ao longo do confinamento, o que já seria impossível para a “Ameaças, milícias e morte: a nova cara do Velho Chico, contemplada na categoria Produção Jornalística em Multimídia ou ainda “Os defensores da floresta”, vencedora na categoria Produção Jornalística em Vídeo. A reportagem multimídia, mesmo veiculada em maio de 2020, parece ter sido produzida antes do confinamento

Quanto às menções honrosas (FIG.5), a pandemia é o tema da metade das produções (duas em imagem e uma em áudio). “Confinamento: 3 meses depois” mostra que a jornalista Juliana Dantas, do podcast independente Finitude, assumiu os riscos de estar presencialmente durante a pandemia, no Hospital Premier, o primeiro particular do Brasil a se dedicar integralmente aos cuidados paliativos. Já “Arsenal Global” foi perita no período pré-pandemia e exigiu a presencialidade dos jornalistas para o recolhimento de capsulas disparadas logo após tiroteios no Rio de Janeiro. A partir da concretude do projétil recolhido, eles partiram para uso da LAI para obtenção de algumas informações.

CATEGORIA	OBRA	AUTOR	VEÍCULO
Arte	"E daí?"	Dakar	www.abramati.com
Fotografia	"Presidente Vain"	Gabriele Bili	O Estado de S. Paulo
Produção Jornalística em Texto	"Fragmentos de vida e morte"	Ananda Rossi	Revista Piauí
Produção Jornalística em Áudio	"Confinamento: 3 meses depois"	Juliana Duarte	Finde Podcast
Produção Jornalística em Multimídia	"Arsenal Global"	Cecilia Oliveira + Leonardo Demori	The Intercept Brasil
Produção Jornalística em Vídeo	"Rolê nas Gêmeas"	Tabata Polini + Renato do Carmo + Sadio Luiz de Silva + Frederico D'Avila + Sadio Vieira + Jackson Lobo + Marcelo Viana + Thiago Silva + Yablume Leela + Welton Dias + Niko César + Lucas Vinatú + Raquel Pulheiro + Marcos Reis	Globo Minas

FIGURA 5 – Tabela de Menções Honrosas – Edição 2020
FONTE: premiovladimirherzog.org

5 Considerações finais

Através desse estudo exploratório, foi possível perceber que, em relação à premiação estudada, a Edição de 2020 ainda não nos trouxe dados significativos sobre rotinas de produção que sirvam de referência para o jornalismo investigativo em cenários pandêmicos. Devido ao período de publicação das matérias admissíveis ao certame, muitas obras destacadas (especialmente se desconsiderarmos as categorias de arte e fotografia) foram produzidas e veiculadas antes de março de 2020. Notou-se, contudo, que as categorias menos afeitas às práticas investigativas – fotografia e arte – foram as que mais abordaram a pandemia como tema (quatro entre os cinco trabalhos produzidos durante a pandemia e que foram premiados ou receberam menção honrosa).

Entre os sete trabalhos do período pré-pandemia a receberem destaque, nota-se que há valorização de processos investigativos enquanto matrizes de referência para o jornalismo de excelência. Nesse sentido, foram premiadas reportagens em série, trabalhos aprofundados, realizados em equipe e ainda com significativa presença de profissionais ligados a veículos de mídia hegemônica, embora já seja possível notar a emergência de novos arranjos, viabilizados por conquistas de editais, colaboração financeira de seus leitores ou ainda investimentos dos próprios jornalistas. Alguns deles, embora produzidos de modo “independente” são veiculados por representantes da mídia hegemônica, que os enquadram como “projetos especiais”.

Referências Bibliográficas

- AGÊNCIA ESTADO. 'Fake news' têm 70% mais chance de viralizar que as notícias verdadeiras, segundo estudo. Disponível em <https://bitly.com/BqzQs> , acesso jul. 2021
- BECHARA, Evanildo. Desinfodemia, disponível em <https://www.academia.org.br/artigos/desinfodemia>. Acesso nov. 2020
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. **O Campo científico em Sociologia**. São Paulo: Ática, 1990
- DIAS, Robson. **A influência do prêmio Jornalista Amigo da Criança sobre o profissional de jornalismo: um estudo de caso**. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- FACCIN, M. e VENEGAS, S. **Jornalismo de roupa nova: Considerações sobre e a identidade e a prática profissional a partir do Prêmio Imprensa Embratel**. In Brazilian Journalism Research n.9 volume 2
- FIGARO, Roseli et Al. **Relatório de pesquisa: Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19**. São Paulo, ECA-USP, 2020
- _____. **Relatório de pesquisa: Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia da Covid-19**. São Paulo, ECA-USP, 2021
- HANSON, M. **A investigação a partir de histórias. Um manual para jornalistas investigativos**. Unesco, 2013
- KALIL, I. & SANTINI, R. M. **Coronavírus, Pandemia, Infodemia e Política**. Relatório de pesquisa. 21p. São Paulo / Rio de Janeiro: FESPSP / UFRJ. Disponível em https://www.fespssp.org.br/store/file_source/FESPSP/Documentos/Coronavirus-e-infodemia.pdf, acesso mai. 2021
- PATRÍCIO, Edgard. Jornalismo e pandemia – Impactos da Covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente do Ceará, disponível em <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2547/1475> acesso mai. 2021
- REUTERS INSTITUTE. **Relatório de Notícias Digitais**. Disponível em <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021/dnr-executive-summary>, acesso jul. 2021
- SEQUEIRA, Cleofe. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Summus Editorial, 2005
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Volume II**. Santa Catarina, 2008
- WARDLE, Claire. **Guia Essencial da First Draft para Entender a Desordem Informacional**, Ed. Alastair Reid e Victoria Kwan, 2ª edição, 2020